

SOCIOLOGIA DA GEOGRAFIA

(Em Busca da Identidade)

Armando Corrêa da Silva*

A Geografia encontra-se a procura de sua definição, uma vez que existem agora vários paradigmas elaborados na perspectiva da modernidade. Se a modernidade é um projeto inacabado, como quer Habermas, esses paradigmas têm validade. No entanto, a pós-modernidade coloca problemas até agora não solucionados uma vez que é possível trabalhar com sua lógica, isenta de meta-teorias e narrativas totalizantes.

Se a Gnoseologia foi agora substituída pela Psicologia Social, porque se trata, com Parsons e Habermas dos complexos processos de interação e intercompreensão, coloca-se a questão do que é o social hoje.

A sinergia é, por enquanto, apenas uma mediação necessária, mas não suficiente.

Nesse sentido, a Geografia Social tem alguma coisa a dizer.

O ponto de embate é que esta disciplina, ao contrário da Sociologia, trabalha com um social que é resultado do que se poderia chamar de "movimentos de população".

* Professor Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

No entanto, o que é população?

Não se trata mais dos conhecidos aspectos demográficos: fertilidade, taxa de natalidade, pirâmides de idade etc. Também não se trata de trabalhar com os conceitos já consagrados de classes e camadas sociais, estamentos, castas e outros.

A população é um conjunto de pessoas que vive em comunidades e\ou sociedades, no campo e na cidade, que interage entre si como pessoas na busca da produção e consumo de bens e serviços e que possui características históricas, sociológicas, antropológicas, demográficas, políticas, territoriais etc.

Esse conjunto de pessoas assume formas de comportamento de massa, multidão, classe, casta, estamento, formadores de opinião, pequenos grupos de trabalho, de lazer, de brinquedo, esporte etc.

Ontologia do Ser Social

A Ontologia de Lukács ou de Hartman, oriundas do pós-guerra mundial não dá conta dos aspectos fenomenológicos e existenciais que agora tornaram-se importantes, quando se considera a forma aparente, a forma real, o conteúdo aparente e o conteúdo real.

Isto, porque a síntese clássica foi substituída pelos recursos da análise. Então, de que se trata é de trabalhar com o que se poderia denominar de ontologia analítica, quando se dá conta da totalidade como fragmentos.

Se o ser em questão é a Geografia, em sua modalidade social, trata-se de realizar, em primeiro lugar, a análise da síntese e logo depois a síntese da análise. Ora, isto dá origem a um novo tipo de discurso ou excuro, em que o argumento desenvolve-se de modo a que o ponto de partida é o inconsciente e a mente vazia.

Geografia Social e as Práticas Sociais

O que é o Geógrafo?

Não é fácil responder porque ele é diferente do advogado, do engenheiro, do economista, do psicólogo, do odontólogo, do arquiteto, do paisagista etc.

E que o geógrafo lida com o estudo da sociedade e da natureza, tendo que recorrer a várias especialidades para estabelecer seu discurso teórico ou aplicado.

Daí que sua prática social seja diversa, quer quando lida com tecnologia, meio ambiente, organização do espaço ou epistemologia.

O Momento da Ruptura

Dois geógrafos merecem menção na passagem da Geografia anterior para a atual: Pierre George e Hartshorne.

O primeiro, em seu livro Sociologia e Geografia, possui dois capítulos que são uma indicação do que viria depois: O Trabalho e A Existência. O segundo, de um ponto de vista naturalista dá conta da outra dimensão do ser humano.

A partir de meados da década de 60, no entanto, coincidindo esse evento com o transcorrer do início da pós-modernidade surgiram propostas diversas que introduziram na Geografia uma nova noção de social: estão neste caso, pelo menos Milton Santos, Yves Lacoste, Paul Claval e David Harvey.

A partir daí a Geografia Social ganhou nova feição, ultrapassando a brilhante síntese de Max. Sorre.

A Situação Atual

O princípio da incerteza, aplicado à Geografia Social indica algumas possibilidades heurísticas.

Uma delas é a exploração da individuação, conforme indicação de Habermas, quando o cotidiano torna-se o meio-mensagem da informação e comunicação. E, isso se dá nos pontos de encontro, sejam laboratórios, escritórios, bares, restaurantes, lugares de lazer como os parques ecológicos etc.

Outra são as possibilidades que oferecem as Faculdades e os Institutos, quando a pesquisa de várias modalidades permite o intercâmbio individualizado e coletivizado das entradas e saídas dos micro-sistemas hermenêuticos.

Operando em redes - pontos e relações por onde transita a informação - o social ganha uma nova dimensão, definindo operações sistêmicas e para-sistêmicas.

A Situação Futura como Simulação do Signo

Poderia a "paranóia da razão" de Horkheimer ser evitada, no contexto do vir-a-ser?

Por que não trabalhar com a imagem da imagem?

O hiper-real não é necessariamente uma abstração sem sentido: confronte-se, por exemplo, Celso Furtado em Análise do "Modelo" Brasileiro.

Então, o social da Geografia Social passa virtualmente pela consideração da perspectiva esquizóide, quando o ver ultrapassa as possibilidades eventuais da razão cartesiana que informa a modernidade, adentrando-se assim, no terreno ainda indefinível do pós.

O lugar social se põe, por isso, como o ethos da realização do ser em processo, vivenciando todo o tempo a situação presente, conjuntura essa que é, na velocidade atual, o comando da relação interpessoal de Habermas e o si de Lyotard.

* * *

São Paulo, 30 de julho de 1994

PALAVRAS CHAVE: paradigmas, modernidade, pós-modernidade, população, social, Geografia Social.

RESUMO

O autor considera o social da Geografia como parte da própria redefinição hoje desta ciência que passou por alterações semânticas e epistemológicas importantes.